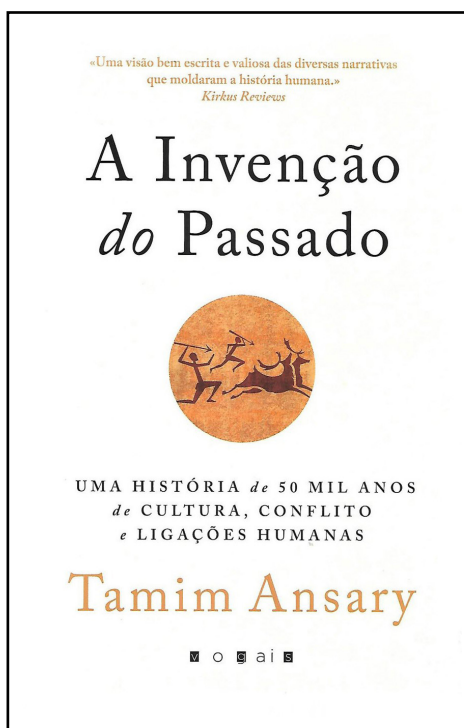


**Tamim Ansary: *A Invenção do Passado*. Lisboa: Vogais, 2020. Tradução de Manuel Santos Marcos. 508 pp.**

*José Barbosa Machado* (UTAD / CEL)



Com o subtítulo de *Uma História de 50 Mil Anos de Cultura, Conflito e Ligações Humanas*, esta obra, publicada originalmente em 2019, dá-nos uma visão dos principais acontecimentos de que a nossa espécie, *homo sapiens*, foi protagonista, com uma particularidade: nada do que historicamente ocorre de relevante é isolado. O autor, um historiador afegão a viver nos Estados Unidos, tem publicado diversas obras sobre as relações do mundo islâmico com o Ocidente.

Refere o autor na introdução que a ideia para este livro lhe surgiu quando lia três obras de História ao mesmo tempo: uma sobre o primeiro

imperador da China, outra sobre a vida dos nómadas na Ásia Central e a terceira sobre Átila, o Huno. Durante a leitura, reparou que a construção da Grande Muralha da China estava relacionada com a queda do império romano do ocidente, concluindo que grandes acontecimentos em regiões diferentes desencadeiam «efeitos cascata em sentido contrário».

A interligação de eventos históricos é, pois, a base deste livro. Apesar de vivermos em mundos étnica, cultural, linguística e religiosamente diferentes, estamos no mesmo planeta. E, por isso, nada ocorre de importante sem que tenha, ou possa ter, consequências globais.

Um dos conceitos de que Tamim Ansary se serve é o de *constelação* (na definição do dicionário, um grupo de estrelas que, ligadas por linhas imaginárias, formam uma figura, a que se lhe dá em astrologia e astronomia

um nome mitológico, de animal ou outro, como Oríon, Leão, Ursa Maior, etc.). Diz o autor que «existimos como constelações de pessoas. Estamos imersos em constelações de ideias. Vivemos num universo de constelações que são, elas próprias, constituídas por constelações» (2020: 14). As famílias, os grupinhos de escola, os clãs, as tribos, as corporações, as associações, os grupos de vizinhança, os partidos políticos, os países, as civilizações, são constelações e «não existem fora da cultura». A cultura, considera o autor, «é um mundo que inventámos e continuamos a inventar, um mundo que desapareceria sem nós» (2020: 14).

Os mundos humanos diferentes, defende Ansary, só existem na cultura. As ideias e a informação «viajam de cultura em cultura e, quando atravessam as respetivas fronteiras, algumas coisas mudam. E algumas coisas não. E por vezes as fronteiras esbatem-se e surge algo cultural maior, em que estão integradas partes de ambas as culturas» (2020: 17), como foi o caso da agricultura e da pastorícia, do uso da roda e do cavalo, da invenção da olaria e da tecelagem, do florescimento de determinada religião ou regime político.

A obra está dividida em seis partes. Na primeira, o autor descreve o palco físico onde a Humanidade tem o seu berço e se desenvolve. Começa por fazer um apanhado, nem sempre cientificamente rigoroso e com dados já ultrapassados pelas novas descobertas, do que ocorreu desde o *Big Bang* até há 50 mil anos, quando o *Homo Sapiens* alegadamente abandonou África. Depois tece uma série de comentários, nem sempre corretos e bastante discutíveis, acerca do desenvolvimento da linguagem, da geografia do planeta, das redes tecidas pelo comércio e do nascimento dos sistemas de crenças.

Na segunda parte, o autor trata temas como a invenção do dinheiro, a matemática, a comunicação e a administração, dependentes da criação de grandes impérios que se sobrepõem, como o chinês, o persa, o indiano, o grego, o romano, o árabe e o ameríndio. O entrelaçamento político, social, cultural e religioso levou ao desenvolvimento da Humanidade: «enquanto se formavam mares de cultura, as influências e as ideias infiltravam-se de mar para mar através de capilares como as Rotas das Especiarias e as Rotas da Seda, através de áreas onde as zonas intercomunicantes se sobrepunham e onde as constelações de ideias que colidiam entre si se misturavam, trocavam partes e emergiam como constelações concetuais totalmente novas» (2020: 142).

Na terceira parte, o autor fala da movimentação de povos do norte para sul e do oriente para ocidente, das invasões na Europa, da queda dos impérios, do nascimento das nacionalidades e da Europa cristã como continente em ascensão. É neste período que os chineses inventam a imprensa de caracteres

móveis, que os europeus souberam desenvolver, levando a uma revolução cultural de que hoje somos ainda beneficiários. É na Europa que surgem as primeiras universidades, que serão o centro do desenvolvimento filosófico e científico da Humanidade, tendo como base as três regras de Bacon: previsão, experiência e observação consequente.

O autor inicia a quarta parte a falar da primeira viagem à América de Colombo, «o acontecimento que “mudou tudo”», pois, «desse momento em diante, ambos os hemisférios estavam interligados, todo o planeta Terra era parte de um único mundo intercomunicante», concluindo que com isso «principiara a globalização dos efeitos em cascata» (2020: 291). Pese embora a importância de Colombo e da sua viagem pretensamente inaugural, não foi este na verdade que iniciou a globalização, mas o Infante D. Henrique, que o autor, aliás, cita um pouco mais à frente (2020: 293). Nesta quarta parte, o autor fala ainda da colonização europeia, do desenvolvimento económico que daí adveio, dos produtos que eram trocados e do importante papel dos bancos. O caso da China tornou-se para os europeus, e em particular para os ingleses, uma fonte de frustrações, pois os chineses recusavam-se a «comprar o que quer que fosse. Não compravam absolutamente nada. Os chineses só queriam vender, vender, vender» (2020: 333).

O capítulo quinto é dedicado à máquina, ou seja, à industrialização, abarcando o período que vai de 1750 (com o início da revolução industrial em Inglaterra) a 1950 (o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da era atómica). Alguns dos temas aqui tratados são a invenção e o desenvolvimento tecnológico e científico, as ideologias que nascem numa sociedade cada vez mais urbana e industrializada, a guerra que mata e destrói a um nível industrial, o nascimento da classe média e do indivíduo, com os seus direitos e os seus deveres sociais.

A sexta e última parte é dedicada à atualidade, aquilo a que o autor chama a era digital. São tratados temas como a Guerra Fria e o seu fim, as organizações e agências supranacionais, como as Nações Unidas e o FMI, as multinacionais e a preocupação com o ambiente. As inter-relações, que até aqui eram essencialmente físicas, passam a ser virtuais: «toda a teia social humana interligada começou a separar-se do universo material» (2020: 435). As pessoas interagem cada vez menos fisicamente com outros humanos e nem por isso se consideram menos participantes na sociedade em que se inserem. O homem atual interage simbolicamente com os outros, mas na realidade física interage com dispositivos tecnológicos, como computadores e telemóveis.

A obra é uma sinopse histórica consistente e bem construída, pois interrelaciona acontecimentos díspares, com comentários e interpretações interessantes e pertinentes. Ressalvam-se, porém, alguns erros históricos e científicos, que seriam evitáveis se o autor tivesse lido bibliografia mais atual sobre, por exemplo, Linguística, Genética e Paleontologia.